Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro é um projecto da Escola das Artes|Som e Imagem, Universidade Católica no Porto, com coordenação e direcção científica de Henrique Manuel S. Pereira. O projecto teve génese no documentário *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro*; continuação num *site e blog* (www.artes.ucp.pt/guerrajunqueiro), em *A Música de Junqueiro* (livro e CD duplo), em *Lançamento/concerto: A Música de Junqueiro* (DVD), e no livro *À Volta de Junqueiro: vida, obra e pensamento*. Terá futuro numa Fotobiografia do Poeta.

Título | À Volta de Junqueiro:
Vida, Obra e Pensamento
Autor | Henrique Manuel S. Pereira
Prefácio/Exórdio | Ângelo Alves
Posfácio | Eugénio Lisboa
Direcção Gráfica | Carla Almeida
Editor | Universidade Católica Portuguesa, Porto
Impressão e Acabamento | Orgal Impressores
Tiragem | 2000 exemplares
ISBN | 978-972-54-0262-7
Depósito Legal | 310149/10

ESTA OBRA TEVE OS SEGUINTES APOIOS:
. Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República
. Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta
. Direcção Regional de Cultura do Norte
. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA

À VOLTA DE JUNQUEIRO

vida, obra e pensamento

PREFÁCIO
ÂNGELO ALVES

POSFÁCIO
EUGÉNIO LISBOA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
PORTO | 2010

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Licenciado (1987) e Doutor (1996), com Prémio Extraordinário, pela Universidade de Santiago de Compostela com a Tese *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias* (1900-1916). Professor Titular de Literatura Portuguesa e Director do Grupo de Investigação Galabra (Estudo dos sistemas culturais galego, luso-africanos de língua portuguesa e brasileiro) da Universidade de Santiago de Compostela; presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, foi Vice-reitor da USC (2006-2009). Dirige a revista *Veredas*. Actualmente, dirige os projectos de investigação TUI (Turismo e identidade: visão e uso da Galiza de visitantes portugueses e brasileiros) e FISEMPOGA (Fabricação de ideias num sistema emergente num período de mudança política: Galiza 1968-1982), investigador convidado nas Universidades de Paris III, Universidade do Minho, Universidade Nova de Lisboa e em vários Congressos Internacionais.

Publicações mais recentes (2009): "A fabricaçom de ideias sobre o mundo lusófono na literatura galega na década de 70: construçom em perspectiva", *Navegações*, Vol. 2, nº 1, pp. 24-30; "A investigaçom do Grupo Galabra e os Estudos Lusófonos na Universidade de Santiago de Compostela", Censura e Interdito. Censorship and interdiction. IX Colóquio de Outono, Macedo e Keating, (orgs.), Braga, Universidade do Minho, pp. 275-288; com Rodríguez Gómez, Joel: "Estudar Machado com a perspectiva que rosiana de Guerra da Cal: A necessidade de um projecto canonizador demandado do Brasil", *Matraga*, nº 23, pp. 11-26. E autor do artigo "Guerra Junqueiro" do *Dictionary of Literary Biography, Volume 287, Portuguese Writers*, Detroit, Thomson-Gayle.

"JUNQUEIRO FOI UM MODELO PARA O GALEGUISMO. [...]. TANTO DO PONTO DE VISTA ESPANHOL COMO GALEGO OU CATALÃO, GUERRA JUNQUEIRO TINHA BOAS RAZÕES PARA SE SENTIR APRECIADO."

Recorda-se do seu primeiro "encontro" com a personalidade e obra de Guerra Junqueiro?

Como leitura ocasional, imagino que em leituras de clássicos galegos, ou nas prateleiras das minhas primeiras livrarias portuguesas, ou nos primeiros anos do Curso de Filologia, como um nome, como uma referência, uma citação, um título, *A Morte de D. João*, *A Velhice do Padre Eterno*. De maneira consciente e dedicada, no âmbito da minha tese de doutoramento, e na minha docência, onde *Pátria* é leitura obrigatória desde há largos anos.

Em que data e por via de que mediações a Galiza descobre o poeta português?

Guerra Junqueiro aparece na Galiza praticamente desde que a sua obra se impõe como ícone, na década de 1870. Por 1880, é já conhecido e divulgado, na Galiza e em Espanha. Calculo que um intermediário e divulgador importante da sua obra foi Teófilo Braga, conhecido e admirado nessa altura pelos galeguistas e colaborador em vários projectos culturais, já desde os anos setenta. Literariamente, por determinados escritores galegos e galeguistas de veia cívica, anticlerical e satírica, será considerado mestre. Refiro-me aos finais de oitenta, inícios de noventa. Estas são duas formulações fundamentais. Estou a pensar em Curros Enríquez, em Alberto García Ferreiro e nos vínculos que estes e alguns outros têm também com Antero de Quental.

Com Antero e com outros, designadamente com Luís de Magalhães e António Feijó. Todavia, daquele conjunto de nomes espanhóis, ganhará relevo o de Curros Enríquez.

Sim, sem qualquer dúvida. Há outros no sistema espanhol, como Labra, Valera, Leopoldo Alas (Clarín) ou, já posteriormente, Miguel de Unamuno. Mas o decisivo é o poeta galego. Foi ele, de facto, um dos grandes introdutores de Guerra Junqueiro, e em geral da geração de setenta, no sistema cultural literário espanhol. Em 1880 e 1881, Curros traduziu vários textos de Guerra Junqueiro para espanhol, como "Fiel" e "O Melro". Publicou-os no *Heraldo* e no *La Ilustración gallega y asturiana* de Murguía.

Mas Curros já conhecia a obra de Junqueiro, pelo menos, desde 1874. Ele o diz, em carta a António Feijó: "Redactando en *El Imparcial*, en 1874, traduje sus primeros versos. En 1875 leí en algunos círculos su *Muerte de D. Juan*, y tanto esta como su obra *la Musa en Ferias*, produjeron en los círculos literarios de Madrid extraordinaria sorpresa". Como prova disso, bastará ler aquela extensa recensão de Clarín à *Musa em Férias* no jornal *El Día*...

Anos volvidos, em 1883, o "Fiel", "O Melro" e algumas outras traduções de poesias de Junqueiro, feitas por Curros, serão publicados no importante periódico espanhol, de Madrid, *El Porvenir*, onde se encontram também textos de Teófilo Braga. E em 1885, virão a lume traduções de textos de *A Velhice do Padre Eterno* no *Las Dominicales del Libre Pensamiento*, órgão de cariz republicano.

Ali, Curros publicou traduções de quatro poesias. Todavia, em *Obras Completas de Curros Enríquez*, organizadas pelo seu filho Adelardo Curros Vásquez, recolhe-se apenas a "Circular".

Exactamente, e as restantes foram dadas a conhecer por Pilar Vázquez Cuesta. Depois em 1890 e 1891, como consequência imediata do *Ultimatum*, Junqueiro encontra-se entre as figuras lusas glossadas por Curros (juntamente com Magalhães Lima, Antero de Quental, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins, António Feijó, Luís de Magalhães, isto também foi estudado por Pilar Vázquez Cuesta) num outro importante jornal, *El País*. Sobre Junqueiro, diz, por exemplo: "Guerra Junqueiro hácese admirar por la audacia de su inspiración, por la forma exquisita en que sabe cincelar las ideas y el color con que las esmalta, por la nota finamente revolucionaria y demoledora de casi todos sus poemas, y por la maestría con que maneja el sarcasmo, maestría en que no lo iguala ningún otro poeta de nuestra raza, ni aún quizá el autor de *Los castigos*. La influencia ejercida por el ilustre vate, en la rica literatura portuguesa es inmensa", etc. No *El País* Curros publica também *A Marcha do Ódio*.

Curiosamente, o poeta galego não assina o texto – mas mostra conhecer ao pormenor a conjuntura sociopolítica portuguesa – nem ousa traduzir a marcha – "un canto patriótico, digno de la inmortalidad" – deste "fiel intérprete a hora como siempre del sentimiento nacional": "En la imposibilidad de traducirlos con la fidelidad que quisiéramos, publicamos, originales, los versos de Guerra Junqueiro"...

Deixe-me só comentar a história, segundo a qual, numa ocasião, Curros Enríquez esbofeteou o seu filho Adelardo e isso aconteceu quando, inadvertidamente, estando ele a brincar no gabinete do seu pai, perdeu ou atirou ao chão a moldura com uma fotografia de Guerra Junqueiro, que Curros tinha sobre a mesa.

O próprio Curros, comentando a célebre fotografia do Grupo dos Cinco (tirada nos jardins do palácio de Cristal, no Verão de 1884), alude a isso em carta de finais de Outubro desse ano, endereçada a A. Feijó: "De todos los señores que figuran en el grupo que há tenido V. la amabilidad de remitirme, conocía á Eça de Queiroz, á Ramalho Ortigão y á Guerra Junqueiro [...]. En el retrato que de éste me extravió mi pequeño (¡ qué terrible disgusto en mi casa aquel día!) Guerra aparecía de perfil y 8 años más joven".

Curros Enríquez desempenha um papel importante de elo e de ponte e de intermediário entre dois sistemas diferentes, o espanhol e o galego. No segundo caso, é a linha cívica, de sátira, é esse poeta da crítica ao sistema que incorpora fundamentalmente Curros Enríquez.

De facto, é muito nítida a influência do Junqueiro, por exemplo, em *O Divino Sainete* (1888).

Sim, muito clara: Curros Enríquez é um poeta que tem vários alvos, entre os quais o anti-clericalismo; tem outro alvo que é a modernidade frente às forças retrógradas ou reaccionárias, tem também um elemento de uma certa lírica popular. Estas três vertentes são homologáveis, obviamente, com as vertentes que tem Junqueiro e, exactamente, em textos como o *Divino Sainete*, onde realiza uma sátira social e também fustiga determinados elementos eclesiásticos, o que lhe custará um processo judicial amargo. Aí está a presença, ideológica sobretudo, do Guerra Junqueiro d'*A Velhice do Padre Eterno*. O professor Carvalho Calero explorou estas ligações. Quando ele escreve na modernidade e na reivindicação de um sistema político diferente, aí está o Junqueiro de *Pátria* e do *Finis Patriae*, etc.

Para Curros, "Junqueiro representa la liberdad y el espíritu, ó lo que es lo mismo, la afirmación contra la negación, el argumento contra el sofisma. Desde Lucrecio no conozco a nadie que haya sentido como él la naturaleza. Tiene, pues, derecho a nuestro cariño y a nuestros entusiasmos; y seguirle es un deber de honor para la juventud ibérica". Mas há indícios de ligações de Guerra Junqueiro a republicanos do sul da Galiza...

Sim, parece claro. O próprio Sampaio Bruno conta como ele fugiu mediante os contactos de Guerra Junqueiro e João Verde (amigo de Junqueiro e admirador de Curros acima de qualquer outro poeta galego, "alma gémea de Junqueiro na ironia e no sarcasmo", dizia Verde), para a Galiza, depois do 31 de Janeiro. Silveira da Motta, nas suas *Viagens na Galliza*, encontra-o em 1886, em Ponte Vedra, por exemplo.

Andava então Junqueiro nas suas lides de coleccionador...

E das visitas que constam de Guerra Junqueiro à Galiza fazem-se também algumas alusões a essa dimensão menos conhecida de coleccionador. Ela traduz a sua curiosidade talvez insaciável e a sua vontade de conhecer e ir incorporando ideias. Junqueiro vai fazendo esses périplos pela Galiza e por outros lugares da península até ter uma colecção realmente importante de objectos e, também, de ideias e de assuntos dessa feição iberista de que, em parte, o Junqueiro também se nutriu. Mas voltando a Curros, este poeta e jornalista era já conhecido em Portugal pelo seu livro *Aires da minha terra* (1880).

Além de citações pela imprensa portuguesa, provam-no as cartas de António Feijó a Luís de Magalhães: "os *Aires da miña terra* passaram pelas primeiras mãos da literatura portuguesa, até voltarem de novo às minhas, e que todos ficaram encantados com o poeta". De resto, Feijó correspondeu-se muito com Curros desde os finais de 1884. E Feijó tem afirmações como esta: "O homem conhece bem a literatura portuguesa, até umas pequenas minúcias de intriga de noticiário traduz perfeitamente". Essas cartas são uma importante fonte de informação. Por meio delas, sabemos que Curros considerava o jovem Guerra Junqueiro "único en Europa llamado indisputablemente a heredar la soberanía poética de Víctor Hugo"...

Portanto, e é importante sublinhá-lo, Guerra Junqueiro aparece na Galiza sob várias dimensões. Nessa via republicana e federal que é ligada perfeitamente por Curros Enríquez e por Garcia Ferreiro, como há pouco dizia. Mas há mais: no ano 1907-1908, o galeguismo conhece uma luta agrarista pela redenção dos foros, uma luta que pretende, enfim, combater os caciques, que assim se chamavam na altura. Nas revistas galegas da altura, são utilizados vários poemas de Guerra Junqueiro, do Junqueiro d'*Os Simples*, neste caso, do poeta dos humildes. O agrarismo galeguista, já em 1910, utilizará os seus textos como apoio às suas campanhas nos seus periódicos, como depois outras publicações na Galiza e na emigração galega na Argentina, por exemplo.

Começará aí uma influência de Junqueiro noutros poetas...

Sim, uma grande influência em poetas como Noriega Varela, Ramón Cabanillas, poetas que são, ou da paisagem ou da introspecção psicológica (em Cabanillas encontra Carvalho Calero o que ele denomina "naturalismo místico" das *Orações* de Junqueiro) mas também da reivindicação. E esse elo de Ramón Cabanillas, tido como o poeta da raça pelo galeguismo, é fundamental. A mediação de figuras nacionalistas como Otero Pedrayo (sobretudo em Noriega Varela) ou Vicente Risco, que já o difundira em algumas revistas de juventude, antes da sua conversão a líder galeguista da década de vinte, é muito importante. E quando Guerra Junqueiro morre, em 1923, quando, enfim, já se encontrava afastado há alguns anos do centro cultural da altura, tanto em Portugal como nos meios internacionais, incluindo obviamente os galegos, prestar-se-á atenção à sua morte.

É um facto, não apenas na Galiza, mas em vários jornais, designadamente madrilenos, e com grande relevo...

Na Galiza, muito particularmente nos meios nacionalistas, Guerra Junqueiro continuará a ser reconhecido na sua poesia durante a década de vinte e até de trinta. Por exemplo, quando uma revista, poderíamos dizer que inovadora, não sei se na vanguarda (é difícil

definir isto), como a *Resol*, em trinta e três, quer fazer uma história da literatura portuguesa através de um poema, entre os vários autores que escolhe, desde as cantigas medievais até àquela actualidade, inclui o próprio Junqueiro com a "Canção Perdida". Os poetas deste número são, com Junqueiro: Dom Dinis, Lourenço Jograr, Gil Vicente, Camões, Bocage, Garrett, Antero, Eugénio de Castro, Pascoaes (cuja "Fala do Sol" encerra significativamente o número), Ribeiro Couto, Marta de Mesquita da Câmara, Emílio Moura e António Patrício. Meses antes, uma outra publicação, bilingue, de autoria juvenil, linha cosmopolita e pró-vanguardista, a *Cristal*, de Ponte Vedra, incluía no número 6 de Dezembro de 1932, o único poema de um autor português em todas as suas páginas, "Elegía", de Guerra Junqueiro, complementando aquelas linhas a que antes me referia: a cívica, a satírica, com a poesia dos humildes e alguma veia metafísica.

Será o caso, nesta última, da *Oração ao Pão* e *Oração à Luz*. Regista-se também uma forte presença de Junqueiro na Catalunha...

Sim, no ambiente da década de finais do século XIX, a Catalunha está muito atenta aos processos portugueses e particularmente à geração de setenta e ao republicanismo em geral. Há várias pessoas que estão a desempenhar funções diplomáticas em Lisboa e, em geral, em Portugal. A Catalunha presta atenção ao processo português, também ao seu republicanismo, onde Guerra Junqueiro tem um papel importante. Encontram-se lá várias editoras, algumas das mais importantes do Estado, que publicam em espanhol, bem como algumas revistas. Estou a lembrar-me da revista *Estúdio*, por exemplo, que é importante para entender esta difusão do Junqueiro. Ainda no que respeita à Catalunha, em meados da década de 1910, já aparecem textos de Junqueiro traduzidos para catalão. E isso revela, desde logo, uma particular atenção, dos sectores da Catalunha, relativamente à cultura portuguesa em geral. Para os sectores catalanistas, Portugal funciona como referente, de analogia e emulação, o que é comum a sectores intelectuais da Galiza (neste caso também de reintegração), frente ao também comum referente de oposição que seria o eixo Castela/Espanha.

No espaço catalão, importará relevar dois nomes em particular: Ribera i Rovira e Eduardo Marquina.

Sem dúvida, sendo embora pessoas de teor muito diferente e Marquina um autor em espanhol. Convém não esquecer que nesta época, determinados factos no campo literário catalão tinham efeitos no espanhol (e, claro, vice-versa). A atenção que o panorama cultural luso conheceu no quadro peninsular teve, sem dúvida, no campo catalão uma pioneira atenção sistemática, sobretudo desde o último quartel do século XIX. E Ribera i Rovira foi, exactamente, um dos principais intermediários. O *conhecimento catalão*, portanto, gerava indubitavelmente uma marca de credibilidade e prestígio em determinados meios

espanhóis. Ribera i Rovira é um advogado catalão que, em 1911, publica o livro *Galicia y Portugal Nación*. Pretende esse livro definir os três eixos nacionais peninsulares, a saber: o eixo oriental (dos países catalães), o eixo central (de Castela) e o eixo ocidental (o da Galiza e Portugal). Ribera i Rovira é uma pessoa muito ligada a Teixeira de Pascoaes e, como sabemos, Teixeira de Pascoaes também tem as suas ligações e afinidades intelectuais com Guerra Junqueiro. Pois bem, em 1912, ele publica *Portugal literari: resum d'unes conferencies donades sobre aquest tema a l'Ateneu Barcelonés*, na Biblioteca Popular de l'Avença, em que alude com pormenor à obra de Junqueiro.

Fazendo aí um resumo da história literária, considera Guerra Junqueiro "sobre tot, el més gran dels poets contemporanis"...

Ribera traduziu vários autores para espanhol. Mas este advogado catalanista também traduz para catalão, já em 1913. Aqui há uma veia, uma linha de relacionamento muito importante. Sirva como exemplo que, na publicação *Cants populars catalans: Antics i moderns* de La Novella Nova de 1920, em que se inclui a tradução de textos, ao lado dos catalãos, de Dantas, aparecem Guerra Junqueiro (*Oració al pa i altres poemes*) e Eça de Queirós (*El difunt*).

Em Espanha, quanto ao número de traduções junqueirianas, Ribera i Rovira só terá sido superado por Marquina.

Sim, o tradutor e escritor Eduardo Marquina, com a editora barcelonesa F. Granada & Cª (continuada pela Atlante), talvez no intervalo de dois anos (1909-1910, embora em algumas obras não conste a data de publicação) traduziu: *La Muerte de Don Juan; Los Simples* (que também sairá na Colección Austral de Espasa-Calpe); *Patria. Finis Patriae. El cazador Simón. A Inglaterra; La Musa en ocios* [sic]. *(Idilios y Sátiras), La lágrima. Victoria de Francia* (talvez de 1907); outra vez *La muerte de Don Juan (Poesías)*, esta de 1910 e precedida do rótulo 'Obras Completas' e *La vejez del Padre Eterno*. Pelas mesmas datas, Rey Soto, um religioso de origem galega, também actuante no campo galeguista da altura, publicou a sua versão de *A Lágrima* na Impr. Artística Española 1910.

E se as traduções de Marquina nem sempre são bem conseguidas – estou a pensar em *La Musa en ocios* –, já a tradução de *A Lágrima* por António Rey Soto foi considerada pelo próprio Junqueiro como "fidelíssima", e "encantadora".

E, curiosamente, em 1914, saem os *Cuentos para la infancia* traduzidos por Martínez de la Riva para a editora Gabriel López del Horno. Quanto a editoras, não podemos esquecer a já aludida *Calpe* que, mais tarde, virá a ser *Espasa-Calpe*.

Que, em 1954, publica, uma vez mais, *Los Simples* traduzidos por Marquina.

Na realidade, Marquina morrera já em 1946, mas, certamente, dele se reimprime a tradução de *Los Simples*. Há um forte empenhamento por parte desta editora na divulgação da literatura portuguesa e, com alguma particularidade, na divulgação de Junqueiro. Mas, enfim, Guerra Junqueiro teve muitos outros intermediários. Fernando Maristany foi um deles. Maristany é uma pessoa que está muito atenta aos processos de produção literária dos finais do século XIX e inícios do século XX, desde a geração de setenta até Teixeira de Pascoaes, por exemplo. Guerra Junqueiro fez parte de uma série importante, de Barcelona, dirigida por Fernando Maristany para a Editorial Cervantes, nos finais da década de dez e na de vinte. Refiro-me a *Las Mejores poesías líricas*, tendo aqui também como tradutor o poeta Eugenio Carballo.

Sendo que Maristany traduziu aí nove composições de Guerra Junqueiro, por sinal as mais longas, e Carballo apenas quatro.

Precisamente. Poderia destacar também Ramón de Basterra, uma figura intelectual da altura, mas muitos outros, como Bacarisse, Díaz Canedo na área, digamos, do sistema cultural espanhol, atentos também a este processo, no qual Junqueiro desempenha sempre um papel importante.

Todavia, julgo que nenhum dos agora citados traduziu Junqueiro... Não obstante, todos eles foram, de facto, influenciados pelo poeta português. Veja-se, no caso de Ramón de Basterra, o livro *La sensillez de los seres*, como de resto apontou já Ricardo Carvalho.

De facto, Basterra – um homem que morreu novo, mas que nas suas obras de inícios da década de vinte é um vanguardista – nutriu-se do Junqueiro de *Os Simples*. Também Juana de Ibarbourou, uma poetisa uruguaia, presente no sistema literário espanhol revela, nas suas obras, uma presença de Junqueiro; veja-se o caso de o seu *Burrito Santo* evocador de *O Lindo borriquito*. Há uma outra grande divulgadora que é Carmen de Burgos, *Colombine*, que também, enfim, atende ao processo de Junqueiro, por exemplo nas suas crónicas de 1919 a 1922 de *Cosmópolis*. Quer dizer há, em parte, um ambiente *junqueriano*, e eu quero destacar também esse multifacetismo: está a *Pátria*, está a *Finis Pátria*, está *Os Simples*, está a *Oração à Luz*, está a *Musa em Férias*, está *A Velhice do Padre Eterno*, está *A Morte de D. João*, – e até esses contos a que eu me referia de infância – está traduzido o Junqueiro todo, não só uma dimensão ou faceta. Ora, isto revela uma enorme capacidade de penetração, só comparável, penso eu, na altura e com outras linhas, a Eça de Queirós. É mesmo significativo o facto de a tradução de *Los Pobres*, de Raul Brandão, publicada, em 1921, na madrilena editora Suc. de Rivadeneyra, aparecer introduzida por uma carta-prólogo de Guerra Junqueiro.

Com tradução de Valentín de Pedro. Mas na realidade não se trata de um acrescento. Guerra Junqueiro escreveu de facto uma "Carta-prefácio" para o original de *Os Pobres*.

Em suma, este relatório dá conta do êxito de Junqueiro e do especial interesse pela sua obra por parte de modernistas como Marquina e da F. Granada & Cª, muito virada para a publicação doutros poetas afins, como Villaespesa ou Darío. Junqueiro era o único poeta vivo de toda uma época e geração, célebre pelo seu intervencionismo político, aplaudido por Unamuno, numa certa homologia funcional no regeneracionismo de 70 e 98. Mas, depois dessa intensa tradução de Junqueiro para castelhano, ele vai sendo progressivamente secundarizado no campo literário espanhol, consequência do mesmo fenómeno secundarizador no luso, com aparições mais ocasionais, em alguma antologia, como a célebre de José María de Cossío, *El soneto português*, mas pouco mais, que eu saiba, antes da guerra civil.

Miguel de Unamuno terá sido provavelmente o mediador de Guerra Junqueiro mais mediático em todo o sistema literário espanhol, não lhe parece?

Sim, é ele o motor dentro do sistema literário espanhol, mas não no galego nem no catalão. Nos seus artigos em *La Nación*, de Buenos Aires, na *España*, no *Los Lunes de El Imparcial*, recolhidos em *Por tierras de Portugal e España* (1911), dá, como se sabe, grande relevo a Guerra Junqueiro e às suas ligações com ele. Unamuno nutria um grande apreço por Guerra Junqueiro, considera-o mesmo um dos intérpretes mais genuínos da tradição portuguesa, particularmente no que respeita ao sentimento da dor e da "alma de Portugal": o maior lírico português vivo e, ao tempo, um dos maiores do mundo. Mas, na perspectiva de Unamuno, Junqueiro revela algumas perdas de rumo quando se desvia para uma linha excessivamente metafísica ou quando se deixa cair em influências francesas. Unamuno reinterpretou alguns escritores e alguns intelectuais portugueses. Estou a pensar em Laranjeira, que seria o protótipo, para Unamuno, do pessimismo existencial português; estou a pensar no Camilo... Mas Unamuno, que tem uma grande influência no mundo de língua espanhola, considera que Junqueiro é um dos "maiores do mundo".

Não obstante, dir-se-ia que também em Espanha Guerra Junqueiro é hoje uma figura esquecida.

E foi quase popular, pelo menos e alargadamente nos meios literários. Mas é verdade, sim, é uma figura esquecida. Em parte por aquilo que o próprio António Sérgio escreveu sobre Junqueiro, com aquela crítica cerrada e que o colava excessivamente a um meio e a uma determinada retórica que só servia para aquela época e não para outras.

Sérgio foi de facto demolidor, chegou a incluir Junqueiro no fenómeno a que chama "histeria romantesca". Não obstante, reconheceu o seu "engenho" e "talento", a sua "habilidade de artista", a sua "virtuosidade" e "abundante eloquência", o "vivo colorido" dos seus quadros. Ou seja, é até muito provável, como propõe Maria das Graças Moreira de Sá, que o mesmo António Sérgio tenha dado um contributo importante para uma revisão mais aprofundada da obra de Junqueiro.

Há poetas, há escritores que têm esta *má fortuna*, vamos dizer assim, de estarem sujeitos às modas e aos acontecimentos que eles próprios, de alguma forma, ajudaram a criar, não é? Junqueiro não é hoje, portanto, um poeta que esteja presente, excepto possivelmente – eu diria – no caso galego porque, para explicar Curros Enríquez, um dos grandes da *tríade* galeguista do século XIX (com Pondal e Rosalía de Castro), há que explicá-lo com Junqueiro. Afinal, nessa filiação galego/portuguesa de que se fala com acerto, a explicação do que nós somos está feita, ainda hoje e em parte, através da própria literatura, como fabricadora de ideias. E quando se vai procurar-lhe as raízes, então, sim, emerge a presença de Guerra Junqueiro. Penso que, em todo o sistema literário e cultural espanhol, talvez seja na Galiza que Guerra Junqueiro se encontra hoje mais presente.

Com base na sua leitura e reflexão, que retrato faz de Guerra Junqueiro?

O meu retrato de Guerra Junqueiro tem muito a ver com o uso que os galeguistas da altura também fizeram dele. Junqueiro foi um modelo para o galeguismo. Por um lado, tenho o retrato dum Junqueiro cujos textos são utilizados para defender as classes humildes, na Galiza da década de 1910, particularmente, por parte dos galeguistas. Por outro lado e mais amplamente, o meu retrato do Junqueiro é o de um indivíduo generoso. Estou a pensar concretamente nas relações dele com Camilo. Quando o romancista morreu, foi Junqueiro o primeiro, naquele Parlamento, a reivindicar honras para ele.

Dando voz ao apelo de um grupo de estudantes, Junqueiro, em 2 de Junho de 1890, pedia que: "o enterro de Camilo Castelo Branco seja feito a expensas da nação; o seu corpo, a que serão prestadas honras extraordinárias, dará entrada no templo dos Jerónimos convertido em panteão dos grandes homens portugueses; serão decretados de luto nacional os dias em que se realizarem os funerais do grande romancista". (E aditava: "que o cadáver de Silva Porto seja transportado para Portugal e recolhido no panteão dos Jerónimos, ao lado do cadáver de Alexandre Herculano"). É muito oportuno que lembre esse facto, tanto mais que hoje, em Portugal, continua a editar-se *O Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros*, sem as devidas anotações...

Depois tenho ainda aquela imagem em que Guerra Junqueiro é considerado, por muitos, incoerente na sua trajectória intelectual, porque, penso eu, se aplicam critérios de um certo esquematismo e de um certo pseudo-religiosismo, o que não corresponde à pessoa que teve desde sempre uma vocação, diríamos hoje, intervencionista e solidária, manifestada pela crítica. Em determinados momentos, solidarizou-se com os mais simples, com os mais humildes, querendo, como sabemos, procurar caminhos de reflexão metafísica e até científica. Portanto, eu vejo, em Guerra Junqueiro, um indivíduo com esses perfis que me parecem decisivos. Claro, ficará para sempre, possivelmente, de Junqueiro, a sua vertente, digamos assim, épica, a vertente de homem empenhado, republicano, defensor de determinados valores que expõe, por exemplo, em *Pátria*. Mas penso que há alguns elementos da sua personalidade que a mim ainda me fogem.

Por exemplo?

O relacionamento que ele tinha com os republicanos federais do sul da Galiza. É um dos aspectos que pode ter algum atractivo. Mas Junqueiro conta hoje com grandes estudiosos no mundo português. Penso que temos um texto fundamental, que marca como que um antes e um depois. Refiro-me ao trabalho de Henrique Pereira, *Guerra Junqueiro, percursos e afinidades*. Parece-me um trabalho extremamente revelador, riquíssimo de informação e rigoroso na investigação. Abre muitas pistas, muitos caminhos e julgo que actualizou, trouxe ao de cima, a figura de Junqueiro. Tirou-o desse lugar onde ele nunca esteve, mas onde o colocaram durante muitos anos, colado a um certo retoricismo... Guerra Junqueiro é muito mais do que tudo isso a que o amarraram, tem muitas mais dimensões. E aí, enfim, também é relevante, como galego o digo, o relacionamento que existe entre a Galiza e Portugal, entre aqueles intelectuais que, do lado de cá da fronteira, tentam construir uma ideia federalista, uma ideia republicana comum.

Não será casual o facto de, poucos dias após a implantação da República portuguesa, os jornais de cá darem como certa a indigitação de Guerra Junqueiro como "Embaixador da República em Madrid". De resto, o *El Imparcial* enviou o jornalista Félix Lorenzo para o ouvir nesse sentido: "O Governo assim o quer e eu também o desejo [...]. Eu amo a Espanha profundamente. Há nações mais civilizadas, mais interessantes, porém em nenhuma como Espanha eu me encontro tão bem. Atraem-me as virtudes dos seus filhos, a beleza das suas velhas cidades. Não decidi, porém, ainda ir, como também não resolvi o contrário. O mais que lhe posso dizer é: que talvez vá. Receio a vida de ostentação, a vida 'oficial', não por sistema, mas por temperamento. Gosto de atravessar a Espanha como um desconhecido, sentindo o carinho dos espanhóis, que me estimam, sei-o bem, e me pagam, generosamente o afecto que eu lhes

dedico também. Eu no vosso país seria, mais do que tudo, um embaixador da alma portuguesa". Todavia, como sabe, o poeta-diplomata acabaria por ir para Berna...

Na verdade, tanto do ponto de vista espanhol como galego ou catalão, Guerra Junqueiro tinha boas razões para se sentir apreciado, como fomos mostrando. Penso que ele seria, de facto, um símbolo *in praesentia* para o republicanismo, bem como para os sectores políticos progressistas, como, aliás, já o era literariamente para muitos. A influência e o apreço de Unamuno devem ter tido alguma importância nessa indigitação que, possivelmente, razões políticas acabaram por frustrar. Berna, situando-se no centro da Europa, bem pode ter sido uma alternativa sedutora, mesmo do ponto de vista científico. Como sabemos, era um universo pelo qual ele tinha também muito interesse...